OCUPAÇÃO DE ÁREAS IRREGULARES E O PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Gilselia Lemos Moreira[1]

1- Introdução

A cidade de Ilhéus, situada na região sul do Estado da Bahia, é cenário de uma dinâmica ambiental privilegiada; repleta de riquezas e belezas naturais – aproximadamente 80 km de praias compõem o litoral do município; além de florestas, estuários, rios, manguezais, baias, recifes, ilhas, bancos de areia e dunas.

As belas Igrejas, casarões e palacetes que datam dos séculos, XVI, XVII e XVIII, conferem a paisagem urbana rara beleza arquitetônica. Apesar de tantas belezas e singularidades, Ilhéus como toda e qualquer cidade de porte médio apresenta uma configuração espaço-territorial bastante irregular, seu território se organiza de acordo com as ações conjuntas dos agentes que produzem o espaço: os proprietários dos meios de produção, os promotores imobiliários, os proprietários fundiários, o Estado e os grupos sociais excluídos (CORREA, 1993).

Admite-se, portanto, que o fenômeno urbano seja fruto de processos internos e externos a cidade; nesse sentido conviverão num mesmo espaço diferentes lugares. Uns com infraestrutura outros sem; uns densamente ocupados outros com rarefação de ocupação (RODRIGUES, 1997).

Nesse contexto, podemos citar como exemplo o bairro Teotônio Vilela um dos mais pobres da cidade de Ilhéus, situado na zona oeste, às margens do rio Fundão. Palco de uma ocupação caótica, o bairro Teotônio Vilela tem uma população estimada em aproximadamente 20 mil habitantes (IBGE, 2000). Grande parte dessa população vive em péssimas condições de habitabilidade. Segundo pesquisa (MOREIRA, 2004) 60% das famílias que residem no bairro tem uma renda inferior a um salário mínimo.

Apenas 34% dos domicílios pesquisados têm rede de esgoto e 48% dos entrevistados tem apenas o curso fundamental (1ª a 4ª series). Também foi identificado nesse bairro, um avançado estagio de degradação ambiental, com aterramento dos manguezais e desmatamento das encostas.

O cidadão que, mesmo de passagem, caminha pelo Teotônio Vilela, percebe um bairro

[1] Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
brandaolemos@zipmail.com.br

totalmente desestruturado, dividido em duas partes separadas pelo manguezal, que mais parece uma longa avenida, tal a intensidade das ocupações. Mas esse cidadão, ao passar, não pode imaginar as várias histórias que fazem parte da vida de seus habitantes.

Experiências, vivências e memórias se misturam e, juntas, compõem a história do bairro e parte da própria história da cidade de Ilhéus. O resgate histórico da produção do bairro Teotônio Vilela objetiva a compreensão do seu funcionamento, partindo da analise das experiências, vividas pelos grupos socais excluídos que por força da necessidade da moradia são obrigados a ocupar áreas irregulares. Este trabalho busca dar voz a esses agentes, ora produtores, ora re-produtores de um espaço real vivido com dificuldades e luta constante pela sobrevivência.

2. A história do Teotônio Vilela: fragmentos da realidade

A cidade de Ilhéus experimentou ao longo de várias décadas significativas transformações no cenário econômico, social e político, que impulsionaram um crescimento populacional e uma rápida expansão territorial/urbana.

Nos anos de 1970 a prefeitura elaborou o Plano de desenvolvimento local e integrado do município de Ilhéus (PLAMI), na administração do prefeito Antônio Olimpio.

O PLAMI entre outras indicações destinava a expansão da malha urbana para a zona oeste da cidade e propunha a construção de um centro de equipamentos comunitários, um cemitério parque e a estação rodoviária. Em 1977 a prefeitura desapropriou uma área de 261.800 m², conhecida como São Francisco, para a instalação do Centro Administrativo - segundo o Diário Oficial de nº 3.328 de 14 de outubro.

Em 1978, ocorre nova desapropriação na zona oeste sob o Decreto de nº 116, publicado no Diário Oficial de nº 3.380, - de uma área de 100.000 m², - esta se destinava à instalação de um clube náutico e da Estação Rodoviária. No entanto, Segundo Farias e Lapa (1992) problemas de ordem financeira e administrativa não permitiram que todas as indicações do plano de desenvolvimento fossem executadas. “O PLAMI possuía características utópicas, no traçado de seu Plano Piloto. Uma vez que não levou em conta a insuficiência dos recursos financeiros existentes no município para atender a todas as indicações”.

Apesar das críticas ao PLAMI pela primeira vez na cidade de Ilhéus um plano aborda o tema favela e discute a questão como um problema urbano de difícil solução, em decorrência dos desequilíbrios e das disparidades socioeconômicas, fruto da má distribuição de renda no país.

> Encontra-se no PLAMI, uma preocupação em definir vários tipos de favela e três tipos são caracterizadas – as favelas de areia, as de mangue a as de encosta. A partir daí são propostas algumas alternativas para a solução do problema - eliminá-las, melhorá-las ou construir um Plano de Ação que possibilite aos seus habitantes, emprego e renda, habitação e políticas de fixação na zona rural. Esta ultima indicação do plano é acatada. (FARIAS E LAPA, 1992 P.42).

Segundo pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população favelada da cidade de Ilhéus nos anos de1969, possuía um nível de renda fora do alcance dos programas do BNH (Banco Nacional de Habitação). A solução para tal problema segundo o Sr. Paulo Machado coordenador de projetos da secretária de planejamento e infraestrutura da prefeitura municipal de Ilhéus e também responsável pela unidade municipal do programa Habitar Brasil, foi planejar um bairro, para atender a carência habitacional da população sem renda fixa. No final dos anos de 1970, outro plano foi entregue a Prefeitura Municipal de Ilhéus o PUB - Plano Urbanístico Básico de Ilhéus. Este manteve a indicação de implantação do Centro Administrativo e de um loteamento popular.

Assim, em 30 de janeiro dos anos de1980, através de Decreto nº 017, publicado no Diário Oficial nº 3.434, desapropriou-se uma área com 100.000 m², - antiga fazenda Gomeira. Essa área foi então loteada e varias famílias carentes receberam cada uma um lote, juntamente com um cartão de posse. È exatamente a partir daí que se inicia o processo de ocupação e produção do bairro Teotônio Vilela. No entanto, os moradores do bairro apresentam outra versão dessa história.

2.1. A história reconstruída pelos moradores do bairro.

O senhor Hélio dos Santos, morador do bairro há mais de vinte anos, relata que,

> No ano de 1980, o prefeito Dr. Antônio Olímpio resolveu desapropriar essa área que, na época, era uma mata nativa, onde existia uma grande quantidade de árvores frutíferas, como cajueiros, jaqueiras, mangueiras e muitos dendezeiros. Esses dendezeiros sustentavam muitas famílias, mas a Prefeitura dizia que era preciso derrubar a mata para o progresso da cidade. Nessa época havia muita gente sem moradia, devido a dificuldades financeiras e a falta de emprego. Não estava na pauta de medidas do governo municipal, a construção de habitações populares. A omissão do poder público provocou a revolta da população carente, que passou a invadir essa área, prejudicando

os planos da Prefeitura.

Nos anos de 1980, a falta de alternativas de grupos sociais excluídos de onde e como morar em Ilhéus acelera o processo de ocupação do Teotônio Vilela.

> A cidade já sofria com problemas de habitação, quando o povo pobre da periferia que pagava aluguel ou morava de favor ficou sabendo que esta área seria transformada em um loteamento. O povo não pensou duas vezes invadiu tudo e a partir daí começou a construir suas casas. A Prefeitura Municipal, na tentativa de organizar tais ocupações, fez o primeiro loteamento e cadastrou algumas famílias entregando-lhes um documento chamado cartão de posse; esses cartões foram entregues sem nenhum critério. Muitas famílias cadastradas não receberam esses cartões, enquanto outras tiveram acesso mesmo não estando cadastradas. A ocupação aqui foi totalmente desorganizada. (FRANCISCO DIAS, 2002).

Tem-se notícia de que foram entregues mais cartões do que a disponibilidade de terrenos loteados. Além disso, foram contempladas famílias que não necessitavam de moradia. Segundo os moradores entrevistados não se estabeleceram critérios para distribuição dos cartões de posse. No entanto, os mesmos foram distribuídos dia 10 de novembro de 1982, véspera das eleições municipais. Fato que leva a crer que tais cartões serviram de instrumento de manobra política.

> Varias famílias carentes não receberam o "Cartão de Posse" e foram obrigadas a comprar seus terrenos de pessoas que não necessitavam de moradia, mas receberam o cartão de posse já com a intenção de vender os lotes. Aqueles que não tinham condições de comprar um lote acabou invadido. As pressões exercidas por essas famílias que mesmo possuindo esses cartões, não obtiveram acesso aos terrenos, culminou na grande invasão do bairro Teotônio Vilela. A partir daí deu-se inicio a um processo acelerado de ocupação. (FRANCISCO DIAS, 2002)

Houve por parte da Prefeitura vária tentativas de evitar as ocupações irregulares, mas sem sucesso.

> A ocupação foi tão rápida que logo chegou, do outro lado da área onde a Prefeitura tinha loteado a antiga fazenda Gomeira. A fazenda tinha esse nome por causa da grande quantidade de goma que se

> produzia no local, por sinal de ótima qualidade e de grande aceitação pela comunidade que freqüentou a feira livre, na época localizada lá no centro da cidade, na beira do cais. Da Gomeira, as ocupações seguiram adiante e logo isso aqui parecia uma cidade. Nada nem ninguém conseguiram conter o avanço da população.(HELIO DOS SANTOS, 2002).

Segundo outro morador do bairro, Sr. Robson, a Prefeitura acabou perdendo o controle da situação e na tentativa de amenizar os problemas causados pelas ocupações irregulares prometeu urbanizar toda área “invadida”.

> Quando eu cheguei aqui, na década de 90, a Prefeitura prometeu urbanizar todo o bairro; logo depois, houve um calçamento de cinco ruas e nada mais foi feito. Passados dois ou três anos, houve um financiamento, pelo Governo Federal, de 411 casas, mas o prefeito fez apenas 11 e as 400 ficaram para lá, provavelmente foram para a campanha política de algum deputado. A carência de infra-estrutura persiste até hoje, falta pavimentação na maioria das ruas, a rede de água e esgoto não atende toda a população, a iluminação das ruas é precária e quanto as 400 casas, ninguém sabe o que foi feito da verba.

Segundo depoimento de vários moradores pode-se afirmar que o poder público local costuma atuar de forma discriminatória, em detrimento das áreas mais pobres da cidade. Não priorizam as necessidades da população periférica. E ainda utilizam a maquina administrativa em campanhas político-partidárias na tentativa de angariar votos em períodos de eleição.

> Quando esse povo quer nosso voto vem aqui e prometem mil coisas. Depois da eleição a gente nem vê mais a cara deles. Nossa situação é critica, a gente já não sabe mais para quem apelar. Todo dia chega gente nova e o bairro fica ainda mais cheio (LÉIA, 2002).

O depoimento da D. Leia expressa a indignação dos moradores diante do descaso do poder público frente aos problemas que afligem o bairro Teotônio Vilela, e ainda revela uma consciência critica que segundo a depoente - adquirida através da vivencia no dia a dia do bairro. Outro exemplo dessa realidade é o depoimento de D. Judite moradora do bairro a mais de 15 anos. D. Judite não só critica a omissão do poder público local no que diz respeito à carência de moradia na cidade, mas também

denuncia as agressões sofridas pelo meio ambiente, como o aterramento e desmatamento dos manguezais.

"Eles não estavam preocupados com as pessoas que não tinham casa para morar, muito menos com o meio ambiente, pois foram os primeiros a aterrar o mangue para construir tudo que tem aqui".

De acordo com o depoimento do Sr. Francisco o processo de construção do bairro Teotônio Vilela resulta não só de interesses de grupos e de forças políticas, mas também de processos sociais que acontecem em outros espaços.

> Em 1985, aconteceu uma enchente, houve deslizamento de terra no Alto do Coqueiro, Alto do Seringal, Alto Eval Soledade e Vila da Esperança, houve mortes e muitas famílias ficaram desabrigadas. Para resolver a situação dos desabrigados, que tinham perdido tudo, o prefeito doou lotes, com 20 barracos no Barro Vermelho e mais 15 barracos no final da rua Primavera, aqui no Teotônio Vilela.

Paralelo a esse processo de re-alocamento de famílias vitimas das intempéries ocorreram sucessivas invasões nas encostas e áreas de mangue fato que contribuiu gradativamente, à incorporação de novas áreas e ao aparecimento de zonas deterioradas e insalubres.

> Quando percebemos, o povo já havia ocupado os manguezais, as margens do rio e as encostas. A Prefeitura tentou impedir as ocupações mandando para essas áreas a guarda municipal, mas de nada adiantou. O povo resistiu e invadiu mesmo e taí até hoje. Por causa disso, várias áreas de mangue foram totalmente destruídas para a construção de habitações; no entanto, não é apenas o meio ambiente que sofre com os impactos, a proporia população é atingida uma vez que, com a obstrução da circulação natural das águas, as inundações nas áreas adjacentes se tornam freqüentes atingindo os moradores das partes mais baixas.(FRANCISCO DIAS, 2002).

A prefeitura tentou retirar as famílias da antiga rua do Mosquito - as margens do rio Fundão para outra área no bairro Teotônio Vilela, mas sem sucesso segundo o relato do Sr. Francisco.

> Paralelamente, a Prefeitura, no intuito de acabar com a ocupação da Vila Nazaré, conhecida como rua do mosquito - às margens do rio

> Fundão, tentou transferir essa população para o Teotônio Vilela. Mas houve intensa resistência por parte dos moradores da Vila, e poucas famílias mudaram e mesmo as que mudaram retornaram.

Nesse caso surge uma questão que merece ser destacada – o que teria levado essas famílias à resistência? Porque retornaram a rua do mosquito apesar de todos os inconvenientes causados pela insalubridade? Certamente, um sentimento de territorialidade por manter com esse lugar fortes laços culturais. Segundo (MAIA 2002; STUART HALL, 2003 e TUAN, 1980), a cultura influencia a percepção do individuo e, conseqüentemente seu comportamento no ambiente em que vive. Essa percepção é refletida na maneira de ver, perceber e sentir o lugar - é sempre um processo seletivo de apreensão da realidade.

A luta pela sobrevivência numa sociedade desigual implica em processos culturais visivelmente materializados no espaço urbano. Pois à medida que a sociedade se defronta com a natureza há entre ambos uma relação dialética que é também cultural. Onde o componente da informação, dos costumes e dos valores – estão presentes na construção das paisagens. Assim cada paisagem refletirá símbolos e significados aplicados pelo homem no espaço em que vive. São, portanto elementos físicos e culturais dando forma ao que se pode chamar de paisagem cultural segundo SAUER (apud Maia, 2002, p.25).

O Teotônio Vilela passou a se desenvolver espontaneamente, formando a sua estrutura urbana na direção das encostas, rios e manguezais. Além disso, várias famílias buscaram nos manguezais a fonte de sua sobrevivência catando mariscos; em alguns casos - única fonte protéica e cortando a madeira para utilização domestica. Apesar de dependerem dos manguezais muitos pescadores e marisqueiros não possuem conhecimento adequado quanto ao manejo correto dessa atividade. Tanto a pesca predatória quanto o corte da madeira para edificação de barracos e produção de carvão são práticas comuns.

Segundo biólogos o intenso desmatamento a pesca predatória[2] e o corte de árvores dos manguezais para aproveitamento da madeira, utilizada pela população de baixa renda como lenha e carvão, tem provocado o desequilíbrio desse importante ecossistema (CRA, 1994). Considerado o berço da vida marinha, por ser o local de reprodução de muitos animais. (FIDELMAM, 2000). Contraditoriamente esses pescadores e catadores de marisco reconhecem que estão prejudicando de alguma forma os manguezais, mas não sabem dizer exatamente como? 42% dos entrevistados não sabem das conseqüências que o lixo, o esgoto e o desmatamento podem causar ao meio ambiente. No entanto, 30% afirmam que tais ações podem matar os animais e

[2] Captura de crustáceos fora da época ideal, não respeitando o seu defeso.

diminuir a quantidade de peixes no rio.

Apesar da legislação de proteção ao meio ambiente e da fiscalização dos órgãos competentes – IBAMA, entre outros, o processo de degradação dos manguezais no Teotônio Vilela avança a cada dia. Este fato comprova a inoperância dos órgãos fiscalizadores, a omissão do poder público e a necessidades de educação ambiental para as populações ribeirinhas.

Hoje, estão presentes na memória de alguns moradores lembranças de um bairro que no passado teve inicio sem o amparo do poder público e assim permanece.

> A Prefeitura fez aqui algumas melhorias, como a senhora pode ver, mas não o suficiente para toda a população. Nosso bairro está bom, mas poderia ficar muito melhor se esses governos parassem de enfeitar o centro da cidade para os turistas e trabalhasse mais nos bairros pobres para o povo. (D. Judite, 2002).

Apesar dos problemas enfrentados por grande parte da população, vários depoimentos mostram que, grande parte dos moradores se identificam com o bairro e o consideram um bom local para moradia. Esses depoimentos revelam segundo Tuan, (1980) um sentimento topofilico (valores, crenças e símbolos), por parte desses moradores. Tais valores, crenças e símbolos são vividos e experenciados no cotidiano do lugar – o bairro.

2.2 O dia a dia no Teotônio Vilela: o espaço vivido dolorosamente

A forma precária como foi implantado o assentamento humano no Teotônio Vilela, sem nenhuma infra-estrutura, têm exercido uma forte pressão sobre os componentes ambientais gerando um quadro grave de degradação.

A Sra. Léia apesar do pouco tempo de residência no bairro - aproximadamente três anos, relata as dificuldades de quem mora nessas áreas.

> Eu moro aqui há três anos. Não temos água encanada e nem esgoto. Eu vivo aqui muito triste nestas condições. O prefeito devia tirar nós daqui porque aqui é lugar dos caranguejos, dos bichinhos viverem e não de gente viver. Aqui não tem água encanada. Tem esse poço aí. A gente dá banho nas crianças e elas ficam doentes. Essa semana eu levei uma das meninas no pronto socorro toda empolada. Essa água não é tratada e, quando chove, a água entra toda aí. Todo final

> de mês, a minha banca vive cheia de remédios. Sem ter condições de comprar, eu pego no posto. Só o mau cheiro que tem aqui por causa das fezes e do lixo é insuportável. Todo mundo joga lixo no mangue, eu também jogo. Aqui não tem coleta de lixo, aonde eu vou jogar, na rua?

Com base nas fontes orais é possível afirmar que o processo de ocupação de áreas irregulares não é um fenômeno autônomo e isolado, mas sim fruto de um processo contínuo e dialético que envolve diferentes agentes. E como tal não deve ser dissociado, das relações de produção, do processo histórico e cultural da sociedade e do conflito de interesses entre o Estado e as necessidades gerais dados grupos sociais excluídos. A ocupação de áreas irregulares não se resume apenas a impactos ambientais materializados na paisagem urbana, é antes de tudo reflexo de uma sociedade, economicamente desigual e socialmente injusta.

Sendo assim, os problemas sociais e ambientais descritos no Teotônio Vilela são também frutos de relações sociais de produção e, mais especificamente da grande aglomeração que se estabeleceu ali.

Faz-se importante ressaltar que, o bairro dispõe de alguns serviços públicos (rede de esgoto, água encanada, ruas pavimentadas, transporte público e coleta de lixo). Todavia, tais serviços não alcançam a maior parte dos moradores – dos domicílios pesquisados[3], 64% não dispõe de água encanada; 66% não possuem rede de esgoto e, 53% não contam com o serviço de coleta de lixo.

> Como a senhora pode ver aqui tem tudo, mas não chega para a gente. Tem esgoto só pra quem mora na avenida, o carro do lixo não pega lixo aqui, o correio não entrega carta aqui, só chega aqui à conta de luz: essa é sagrada, todo mês vem. Até ônibus pra nós é difícil. Tem escola, mas é muito longe. Perto só tem escola particular e nós não temos condições de pagar particular. O comercio é até bom, mas do que adianta se nós não temos dinheiro? Também tem posto policial, mas quem é doido de andar pelas ruas à noite?Nossa realidade é dura.
>
> (FRANCISCO DA SILVA, 2002).

Segundo o Sr.Paulo Machado coordenador dos projetos pela secretaria municipal de planejamento, essa situação pode ser revertida em médio prazo. Existem projetos

[3] Pesquisa de campo realizada no ano de 2001 com 196 famílias no bairro Teotônio Vilela em Ilhéus.

voltados à habitação popular já aprovados pela câmara municipal da cidade de Ilhéus. Exemplos desses projetos são: o Habitar Brasil e o Plano Integrado de Urbanização do Alto do Teotônio Vilela e adjacências. Ambos os projetos contam com apoio do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e da prefeitura municipal de Ilhéus. Ainda, segundo o Sr. Paulo Machado a proposta dos projetos é, de retirar as famílias das áreas de ocupação irregular e transferi-las para a parte alta do bairro; recuperar os manguezais, melhorar as residências, promover a regularização fundiária à participação comunitária e ainda contribuir com a melhoria da renda e da qualidade ambiental.

Trata-se de um projeto elaborado dentro dos princípios do desenvolvimento sustentável, ou seja, na concepção fundada no principio da sustentabilidade. Esta sugere conceber a realidade na complexidade e interdependência das dimensões econômica, social, política, cultural e ambiental, de forma a proporcionar ações coerentes com a melhoria da qualidade de vida, a inclusão social, a viabilidade econômica associada, a preservação ambiental entre outros. Em principio, tal concepção parece utópica e inatingível, tendo em vista a velocidade das transformações espaço – territoriais na cidade e no próprio bairro.

Grande parte dos moradores entrevistados (35%), não acredita na aplicabilidade desses projetos.

> Alguns homens vieram aqui dizer que a gente não podia mais fazer nenhum beneficio nos nossos barracos. Até mesmo de reparar danos causados pelas chuvas. Porque tem esse projeto vai mudar a gente para o alto. Mas até agora ninguém fez nada. O tempo esta passando e a gente vivendo cada vez pior.
>
> (D. LEIA, 2002).

Os moradores do bairro Teotônio Vilela afirmam ter tomado conhecimento de o projeto Habitar Brasil a mais de três anos sem que nenhuma ação fosse executada.

Embora o bairro apresente uma aparente regularidade e organização na sua configuração territorial, vários problemas são enfrentados diariamente pelas famílias que residem no bairro. Além, da precariedade dos serviços públicos - saneamento básico, dificuldade de acesso à saúde, educação e lazer os moradores da periferia são obrigados a conviver com altos índices de violência.

> Moro aqui há mais de 15 anos e sempre vivemos com medo. As

> ruas vivem cheias de vagabundos. A violência aqui é demais; faz um ano que perdi um filho, vítima de vários tiros ali na esquina enquanto telefonava no orelhão. Aqui a gente tem medo de andar na rua à noite e de deixar nossos barraquinhos, e levarem o pouco que temos.(D. MARIA DO CARMO, 2002).

A forma geométrica da disposição das ruas no Teotônio Vilela sugere uma configuração territorial puramente artificial que possivelmente poderia ser separada e re-agrupada. Não existem no bairro áreas destinadas ao lazer (praças, jardins ou parques). Fato que revela o caráter concentrador desse assentamento e sugere um bairro planejado e aparentemente organizado dentro de uma lógica "perversa e injusta". A territorialidade da infra – estrutura urbana do bairro sugere um processo de construção espontâneo, que contraditoriamente seguiu a lógica do planejamento urbanístico – o PLAMI.

Um outro importante aspecto que determinou o processo de ocupação do bairro Teotônio Viela foi à construção da ponte sob o Rio Fundão na BR 415 no ano de 1966. A ponte facilitou o acesso a uma área de topografia irregular permitindo a edificação nas encostas e nos manguezais. Os impactos dessa forma de ocupação estão presentes em toda parte. É comum em períodos chuvosos o deslizamento de terra e a queda de barrancos. Em algumas áreas não é possível haver coleta de lixo devido à dificuldade de acesso dos carros coletores. Por falta de informação vários moradores acabam jogando lixo e dejetos no meio da rua. Esse tipo de ação facilita a contaminação do lençol freático e do solo, que por ser do tipo arenoso, permite uma maior infiltração de matéria orgânica patológica, facilitando a proliferação de vetores (insetos transmissores de doenças), colocando em risco, principalmente, a saúde das crianças.

Segundo dados da Secretaria de Saúde do Município: é bastante alto o índice de doenças de veiculação hídrica entre a população do bairro, conseqüência direta da ausência de saneamento básico. Fato que a própria assistente da secretaria de saúde atribui à falta da intersetorialidade[4] entre as demais Secretarias.

> Quando a Secretaria detecta um problema de saúde pública se busca a causa e então o problema é passado às outras Secretarias. No caso da verminose, por exemplo, a causa básica é a falta de saneamento de competência da Secretaria de Obras; se esta não resolve o problema, é impossível para nós erradicá-lo. Daí a importância da intersetorialidade, o que, até o momento, é uma

[4] Interdisciplinaridade e comunicação direta entre as secretárias - trabalho em conjunto

> utopia. (SONILDA, 2002).

Segundo Farias e Lapa (2000, p. 52.), em 1992, 83% da população que reside no Teotônio Vilela não contava com o serviço de água de rede. Essas pessoas buscavam suprir suas necessidades coletando água de poços e cisternas. Segundo a Empresa baiana de saneamento (apud, Farias e Lapa, 2000) a água desses poços e cisternas está fora dos padrões de potabilidade e, portanto, imprópria ao consumo humano. Ainda hoje várias famílias continuam consumindo a água desses poços e cisternas. A coleta de lixo só acontece nas principais vias de acesso ao bairro. Os moradores das encostas jogam o lixo nas ruas e em terrenos baldios, provocando sujeira, mau cheiro e a proliferação de insetos. Para os moradores dessas áreas é uma situação insustentável.

> Essa semana eu levei uma das meninas no pronto socorro toda empolada. Essa água não é tratada e, quando chove, a água entra toda aí. Todo final de mês, a minha banca vive cheia de remédios. Sem ter condições de comprar, eu pego no posto. Só o mau cheiro que tem aqui por causa das fezes e do lixo é insuportável. Todo mundo joga lixo no mangue, eu também jogo. Aqui não tem coleta de lixo, aonde eu vou jogar, na rua?

Embora a falta de saneamento básico, não seja por si só um fator de degradação ambiental, contribui para o seu agravamento. No caso do bairro Teotônio Vilela, soma-se a esse quadro, o crescimento desordenado, que exerce fortes pressões sob o uso do solo e demais componentes ambientais. Contradições e conflitos de interesse afloram a todo instante e se materializam na paisagem, tornando visível a degradação do meio ambiente natural e construído. O espaço produzido a partir da ocupação de áreas irregulares torna-se geralmente cenário de ambientes degradados. A compreensão desse processo é fundamental para que se possa pensar e planejar o espaço. Para tanto, faz-se necessário pensar a elaboração e efetivação de projetos participativos de inclusão sociais, capazes de atender a as necessidades principalmente dos grupos sociais excluídos.

Considerações Finais

Neste trabalho, as discussões realizadas e as informações nele contidas foram de fundamental relevância para o aprofundamento das questões referentes ao processo de ocupação de áreas irregulares e a produção do espaço urbano.

Compondo o universo de investigação, foram analisadas as ações do poder

publico, dos grupos sociais excluídos, fatores culturais e as relações que se estabelecem entre os agentes que produzem o espaço.

Partindo do estudo das ações dos grupos sociais excluídos deu-se destaque aos depoimentos dos moradores do bairro Teotônio Vilela – referencial empírico desse estudo. Os depoimentos aqui registrados revelaram que, a história de ocupação do Teotônio Vilela, passa necessariamente pela história de vida daqueles que o ocuparam e construíram seu espaço no dia a dia.

Conclui-se que ações do poder publico e fatores culturais contribuíram na produção de um espaço fortemente impactado do ponto de vista dos seus recursos naturais.

De um modo geral, muitos são os problemas que afetam hoje o Teotônio Vilela e, embora encontrar uma solução para tais problemas não se constitua o objetivo geral desse estudo. Buscou-se, conhecer melhor este espaço e o cotidiano de seus moradores, tentando analisá-los como parte de um processo contínuo e dialético, tão logo em construção. A ocupação de áreas irregulares está vinculada ao processo de empobrecimento da classe trabalhadora que, afluindo em fluxos migratórios de diferentes épocas, contribuiu na produção do espaço urbano.

Em síntese, as ações dos promotores imobiliários, dos proprietários fundiários, dos proprietários dos meios de produção, do poder público e dos grupos sociais excluídos consumidores do espaço, analisadas num contexto de inter-relação permitam afirmar que os interesses e necessidades desses agentes produzem o espaço e se materializam na configuração espaço territorial urbana.

REFERÊNCIAS

CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS - CRA. **Diagnóstico Ambiental da Cidade de Ilhéus.** Ilhéus: CRA/SEPLANTEC, 1994.

CORRÊA, R. Lobato. **O espaço urbano**, São Paulo - Série Princípios, Ed Ática, 1993.

FARIAS, Regina Leite de LAPA, Marilene Oliveira. **Planejamento urbano e saneamento básico:** um estudo de caso do bairro Teotônio Vilela. 1992. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Espacialização em Desenvolvimento e Gestão Ambiental) - Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, 1992.

FIDELMAM, Pedro L.J. **Impactos Ambientais:** manguezais da zona urbana de Ilhéus. Bahia, 2000. Disponível em: <www.members.mpoa.com/ocanog/mpamo>. Acesso em: 18 de abril de 2002.

IBGE, Censo Demográfico 2000. Disponível em www.Ibge.gov.br. Acesso em 20 de junho de 2002.

MAIA, Doralice Sátyko. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 16, 2001.

MOREIRA, Gilselia Lemos. **A Degradação Socioambiental na Construção do Espaço Urbano: um estudo de caso no sul da Bahia.** 2003. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, 2003.

RODRIGUES, Arlete Moyses. **Moradia nas cidades brasileiras.** São Paulo: Contexto, 1997.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia** um estudo da percepção, atitudes e valores no meio-ambiente. São Paulo: Diefel, 1980.